



# VOZ DA FÁTIMA

Estamos no princípio dum novo ano. Todos nós desejamos que ele seja um ano de paz, de progresso, de felicidade, de amor. Mas só o poderá ser, se cada um de nós trabalhar seriamente para viver em paz e amor com Deus e com os homens, cumprindo a Mensagem de Nossa Senhora na Fátima. Então, não faltarão também o verdadeiro progresso e a felicidade.

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria  
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336  
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLVII — N.º 568  
13 DE JANEIRO DE 1970  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

## NÓ DIA 21 DE JANEIRO FAZ 50 ANOS QUE A JACINTA DEIXOU A FÁTIMA

A pastorinha Jacinta adoeceu, como toda a sua família, excepto o pai, em Dezembro de 1918, com a epidemia broncopneumónica de tão triste recordação no mundo inteiro. Passou todo o ano de 1919 adoentada e quase sempre de cama. Durante dois meses — Julho e Agosto — esteve mesmo internada no Hospital de Vila Nova de Ourém.

Nossa Senhora várias vezes a veio visitar, como a própria doentinha declarou.

«Jacinta — escreve a Lúcia — ao ir para os hospitais de Vila Nova de Ourém e Lisboa sabia que não ia para se curar, mas para sofrer. Muito antes de ninguém falar em ela entrar no hospital de Vila Nova de Ourém, ela disse-me um dia:

— Nossa Senhora quer que eu vá para dois hospitais, mas não é para me curar; é para sofrer mais por amor de Nosso Senhor e pelos pecadores».

A fim de ser tratada com mais perícia e cuidados, os três grandes protectores dos últimos dias da pequenina, Rev.º Dr. Manuel Nunes Formigão, Dr. Eurico Lisboa e Dr. Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos, barão de Alvaiázere, combinaram levá-la para Lisboa. A família, sobretudo a mãe, só com grande relutância, deu o seu consentimento.

Ao aproximar-se o dia da partida, a Virgem Mãe de Deus, sempre maternal e carinhosa, veio mais uma vez visitar a sua querida florinha prevenindo-a dos sofrimentos que a esperavam. A pastorinha contou tudo à sua prima Lúcia.

«De novo — escreve esta — a Santíssima Virgem se dignou visitar a Jacinta para lhe anunciar novas cruzes e sacrificios. Deu-me a notícia e dizia-me:

— Disse-me que vou para Lisboa, para outro hospital, que não te torno a ver, nem os meus pais. Tu lá não me vais visitar. Olha, reza muito

por mim, que morro sòzinha.»

A perspectiva de morrer sòzinha dilacerava-lhe o coração, como nos conta sua prima.

«Um dia encontrei-a abraçando uma estampa de Nossa Senhora e a dizer:

— Ó minha Mãe inha do Céu, então eu hei-de morrer sòzinha?

A pobre criança parecia assustar-se com a ideia de morrer sòzinha. Para a animar, dizia-lhe:

— Que te importa morrer sòzinha, se Nossa Senhora te vai buscar?

— É verdade! Não me importa nada! Mas não sei como é. Às vezes não me lembro que Ela me vai buscar. Só me lembro que morro, sem tu estares ao pé de mim».

Certa vez, repetia um pouco mais animada:

«E eu a sofrer ali sòzinha! Mas não importa! Sofro por amor de

Nosso Senhor, para reparar o Imaculado Coração de Maria, pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre.»

A partida ficou marcada para o dia 21 de Janeiro. Na véspera, sabendo que ia deixar a Fátima para sempre, pediu à mãe que a levasse à Cova da Iria. A arder em febre, lá foi em cima duma jumentinha. Ao chegar à actual Rotunda Sul, apeou-se. Para maior penitência, por respeito e por devoção a Nossa Senhora, fez a última parte do percurso a pé. Colheu um ramo de flores e, rezando o terço, dirigiu os seus passos trémulos para a azinheira abençoada.

Com que tristeza se apartou daquele lugar bendito, onde tinha ouvido a meiga voz da Mãe do Céu e onde os seus olhos se extasiaram na contemplação daquela «Senhora tão linda», daquela «Senhora tão nossa amiga», como a pequenita cândidamente se exprimira!

No dia seguinte, o último adeus à Lúcia foi confrangedor. «A despedida cortava o coração. Permaneceu muito tempo agarrada ao meu pescoço e dizia, chorando:

— Nunca mais te torno a ver, nem à minha mãe, nem meus irmãos, nem o meu pai! Nunca mais hei-de ver ninguém. E depois morro sòzinha... Nunca mais nos tornamos a ver! Reza muito por mim até que eu vá para o Céu. Depois, lá, eu peço muito por ti. Não digas nunca o segredo a ninguém, ainda que te matem. Ama muito a Jesus e o Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrificios pelos pecadores.»

Naquela manhã triste e fria de 21 de Janeiro de 1920, Jacinta deixou para sempre a Fátima, a terra em que despertou para a luz do dia, a terra em que teve o privilégio de ver o Santo Padre e contemplar o Anjo, São José, Nossa Senhora e o próprio Jesus Cristo.

P. FERNANDO LEITE

### As «Cadeias de Orações» a Nossa Senhora da Fátima

COM grande insistência, têm chegado à Fátima cartas e postais integrados nas estúpidas cadeias de orações, que não devem ser interrompidas sob pena de «graves castigos».

Diversas pessoas se têm dirigido ao Santuário a fim de obterem esclarecimentos, pois a correspondência visa as Irmãs Franciscanas da Fátima. O assunto já foi suficientemente esclarecido pelo Reitor do Santuário à missa dominical na Basilica.

Pediram, entretanto, as Irmãs Franciscanas Hospitalleiras da Fátima a publicação do seguinte esclarecimento: «Todos os dias recebemos mancheias de cartas falando na famosa cadeia de orações a Nossa Senhora da Fátima que se vai formando desafortadamente, de pessoas para pessoas, ao ritmo de credice e superstição, levadas umas pela esperança em que ao 4.º dia de orações aparece uma graça muito grande da Senhora, e outras, aflitas, com medo de desgraças no caso de interromper a dita cadeia. E porque culpam as Irmãs Franciscanas da Fátima por tamanho desaforo e por tanto sobressalto nos espíritos, venho por este meio suplicar-vos auxílio para a divulgação de que nada temos com esta «cadeia de orações», para bem da ortodoxia, para sossego de muitos e também nosso sossego».

Certamente as pessoas que escrevem os postais e cartas e tão solícitas são a integrar-se na «cadeia de orações» com medo das desgraças ou com mira de alcançar favores, desconhecem a Mensagem que a Virgem Santíssima veio trazer à Fátima e não se lembram que na Capela das Aparições existe uma caixa onde podem colocar os seus pedidos à Mãe do Céu.

No entanto, as pessoas de bom senso rasgam ou queimam imediatamente todas as cartas ou postais divulgadores de tão estúpidas cadeias, se lhes forem parar às mãos, a não ser que queiram ficar presas nas terríveis cadeias do diabo.

**J**OVENS, meninos e meninas, imitai os pastorinhos Francisco e Jacinta! Como eles, ofereci a Nossa Senhora muitas orações e sacrificios: para comemorar o cinquentenário da morte dos dois pequeninos videntes; para agradecer a Nossa Senhora as suas aparições; para pedir a paz para o Mundo e para a Santa Igreja. Dão-se de graça impressos (pequeninos papéis) onde deveis escrever as vossas boas obras, feitas por estas intenções. Que os Revs. Párocos, Educadores e Professores os peçam à POSTULAÇÃO DOS PASTORINHOS, APARTADO 6, FÁTIMA, ou ao SECRETARIADO NACIONAL DA CRUZADA EUCARÍSTICA, LARGO DAS TERESINHAS, 5, BRAGA. As crianças que forem à Fátima na sua grande Peregrinação no domingo, dia 7 de Junho, devem levar estes papelinhos devidamente preenchidos — a sua grande oferta a Nossa Senhora. As que não forem mandem-nos para a Postulação dos Pastorinhos ou para o Secretariado da Cruzada para que tudo seja entregue à Virgem Santíssima na Fátima.



# Exortação de Paulo VI sobre o Rosário

Veneráveis Irmãos e dilectos Filhos  
Paz e Bênção Apostólica

## INTRODUÇÃO :

1. O aproximar-se mais uma vez do mês de Outubro proporciona-Nos o ensejo de convidar novamente o povo cristão à prática de uma forma de oração justificadamente querida à piedade católica e que nada perdeu da sua actualidade nas dificuldades da hora que passa: queremos referir-Nos à recitação do Rosário da Santíssima Virgem Maria.

2. A intenção que Nós queremos propor este ano a todos os Nossos filhos, e que se Nos afigura mais urgente e grave do que nunca, é a paz entre os homens e entre os povos. Apesar de se terem verificado alguns progressos e das legítimas esperanças que subsistem, protraem-se todavia os conflitos mortíferos, aparecem novos focos incandescentes e vê-se que se põem uns contra os outros até mesmo os cristãos que dizem inspirar-se no mesmo Evangelho de amor. No seio da Igreja manifestam-se incompreensões entre irmãos que se acusam e se condenam reciprocamente. Deste modo, é urgente mais do que nunca trabalhar e rezar pela paz.

3. Acresce que um *aniversário* Nos convida também a retomar uma tal prática, com maior confiança ainda: o quarto centenário da Bula «*Consueverunt Romani Pontifices*» (1), com a qual São Pio V definiu a forma, sempre actual, do Rosário, numa época de perturbações para a Igreja e para o mundo. Fiel a esta herança tão santa, na qual o povo cristão não deixou nunca de haurir força e coragem, Nós queremos exortar o clero e os fiéis a que peçam instantemente a Deus, pela intercessão da Virgem Maria, a paz entre todos os povos.

## I. PORQUE REZAR A MARIA PELA PAZ ?

1. A paz é certamente um problema dos homens, Bem comum para todos eles: ela deve ser preocupação constante de todos, especialmente daqueles sobre os quais incumbe a responsabilidade dos Estados e da comunidade dos povos. Mas, quem é que, hoje em dia, não tem a sua parte de responsabilidade na vida e na paz de uma família, de uma empresa, ou de uma associação? Não obstante serem numerosas as boas vontades, quantos interesses se chocam, quantos egoísmos se manifestam, quantos antagonismos se exacerbam, quantas rivalidades se acentuam. Quem há aí que não veja a acção incessante exigida a todos e a cada um, por que o amor triunfe sobre as discórdias e a paz se instaure na Cidade dos homens?

2. Mas, a paz é também obra de Deus. Foi Ele que colocou nos nossos corações o desejo ardente da paz. É Ele que nos impulsiona a cooperar para ela, cada um com a sua quota parte, e que corrobora para tanto as nossas fracas energias e as nossas vontades titubeantes. Ele unicamente nos pode dar um espírito pacífico e consolidar em profundidade e solidez os nossos esforços pela paz.

3. A oração com a qual nós pedimos o dom da paz é, por conseguinte, um contributo insubstituível para a instauração da mesma paz. É por Cristo, em quem nos são dadas todas as coisas (2), que nós nos dispomos para acolher o dom da paz. Sendo assim, como não

deveríamos nós desejar apoiar-nos, ao fazer a nossa diligência, na intercessão incomparável de Maria, sua Mãe, da qual o Evangelho nos revela ter «ela achado graça diante de Deus» (3)?

4. Ela é a humilde Virgem de Nazaré, que se tornou a mãe do «Príncipe da Paz» (4), d'Aquele que nasceu sob o signo da paz (5) e que proclamou perante o mundo: «bem-aventurados os construtores de paz, porque eles serão chamados filhos de Deus» (6).

— Ora, o Evangelho ensina-nos que Maria é sensível às necessidades dos homens. Em Caná, ela não hesitou em intervir para proporcionar a alegria àqueles aldeões, que tinham sido convidados para umas bodas (7). Como deixará ela de intervir pela paz, esse bem tão precioso, se nós soubermos invocá-la com um coração sincero?

— O Concílio II do Vaticano, recentemente, recordou com oportunidade isto mesmo: Maria continua a interceder junto de seu Filho, Cristo Jesus, pelos seus filhos que peregrinam ainda na terra (8). Àquela que lhe dizia, muito simplesmente, «eles não têm vinho», Cristo respondeu com generosidade. Como deixará Ele de manifestar a mesma prodigalidade perante este outro pedido «eles não têm a paz»?

## II. A NOSSA ORAÇÃO PELA PAZ

1. Se cada um, «na medida das suas forças e das suas possibilidades» (9), deve saber agir pela justiça e pela paz no mundo, cada cristão deve pôr todo o empenho em pedir a Maria, em rezar connosco e por nós, para que nos seja concedida aquela paz que só o Senhor nos pode dar (10). Mais ainda: meditando nos mistérios do santo Rosário, nós aprenderemos, a exemplo de Maria, a tornar-nos almas de paz, no contacto amoroso e incessante de Jesus e dos mistérios da sua vida redentora.

## III. TODOS

2. Todos os filhos da Santa Igreja rezem:  
— As crianças e os jovens, cujo futuro está em jogo, perante a transformação que sacode o mundo: que os pais e os educadores e todos os sacerdotes se empenhem em fazer deles almas de oração.

— Os doentes e os velhinhos, que algumas vezes se deixam desanimar, diante de uma aparente inutilidade: que eles saibam descobrir a força poderosa da oração e tornar-se-ão os ímanes que atraem pacificamente para a fonte da paz.

— Os adultos, que penam sob o peso da luta pela vida, dia a dia: os seus esforços serão portadores de mais abundantes frutos, se eles partirem de uma vida de oração (11). No contacto frequente com Maria eles conhecerão melhor e amarão mais a Jesus. Quantos e quantos dos nossos pais na fé fizeram a experiência vivificante disto mesmo.

— As almas consagradas, cuja vida deveria ser sempre a imitação de Maria, muito intimamente ligada com a vida de Cristo e como que uma irradiação da sua mensagem de amor e de paz.

— Os bispos e os sacerdotes seus cooperadores: eles têm a missão especial de «orar em nome da Igreja, por todo o povo que lhes está confiado, e, mais ainda, pelo mundo inteiro» (12). Como poderiam eles deixar de unir ao mais profundo da sua oração, a intercessão de Maria?

Neste desejo ardente da paz, que é «fruto do Espírito» (13), nós devemos manter-nos todos,

como os apóstolos no Cenáculo, «em oração com Maria, mãe de Jesus» (14).

## IV. POR TODOS

3. Rezaremos por todos aqueles que trabalham pela paz no mundo, desde as mais remotas aldeias até às maiores organizações internacionais. Também eles têm direito à nossa oração, juntamente com os nossos encorajamentos e a nossa gratidão. «Como é belo ver, sobre os montes, os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova e que prega a salvação...» (15).

— Rezaremos por que surjam em toda a parte vocações de construtores da paz, de obreiros da concórdia e da reconciliação entre os homens e entre os povos. Rezaremos por que sejam extirpados de todos os corações, a começar pelos nossos, os sectarismos, os racismos, os ódios e toda a espécie de maldade, que são a fonte sempre a renascer das guerras e das divisões. Pois, se o mal é poderoso, a graça é-o ainda mais.

— Pediremos Àquele que morreu pelos nossos pecados, «para congregar na unidade os filhos de Deus dispersos» (16). Rezaremos por que se instaure entre todos os filhos da Igreja um clima de respeito mútuo e confiante, de diálogo e de benevolência recíproca. Rezaremos por que, reconhecendo-se muito embora diferentes, todos se aceitem como complementares, na verdade e na caridade de Cristo, conforme a recomendação do grande apóstolo São Paulo: «Se é possível, vivei em paz, quanto de vós depende, com todos os homens»... Não tornemos, pois, a julgar-nos uns aos outros... O reino de Deus... é justiça, paz e alegria no Espírito Santo... Portanto, procuremos o que interessa à paz e à mútua edificação» (17).

## V. BÊNÇÃO

1. Nós mesmo, veneráveis Irmãos e dilectos Filhos, não cessaremos de trabalhar e de rezar pela paz, como Vigário d'Aquele que «é a nossa paz... que levando em si próprio a morte à inimizade... veio para anunciar a paz» (18). Ainda com o apóstolo São Paulo, sob cujo nome quisemos esconder a nossa pequenês, «recomendamo-vos... que andeis de maneira digna do chamamento que recebestes, com toda a humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros com caridade, solícitos em conservar a unidade de espírito, mediante o vínculo da paz» (19).

2. Que a frequente meditação dos mistérios da nossa salvação faça de nós obreiros da paz, à semelhança de Cristo e segundo o exemplo de Maria. Que o Rosário, com aquela forma que lhe deu São Pio V e também com as outras mais recentes que o adaptaram às necessidades dos nossos tempos, com o consentimento da autoridade legítima, que ele seja verdadeiramente, conforme o desejo do Nosso querido predecessor João XXIII, «uma grande oração pelas necessidades ordinárias e extraordinárias da Santa Igreja, das nações e do mundo inteiro» (20), este Rosário que é «como o Evangelho abreviado» (21) e que já se tornou uma devoção da Igreja (22).

3. Por meio desta oração a Maria Santíssima, Mãe de Deus e Mãe nossa, nós prestaremos o nosso contributo para que se realize o voto do recente Concílio: «Todos os fiéis dirijam súplicas instantes à Mãe de Deus e Mãe dos homens, para que ela, que assistiu com as suas orações aos alvares da Igreja, também agora, exaltada no Céu, acima de todos os Anjos e Bem-aventurados, interceda junto do seu Filho, na comunhão de todos os Santos, para que todas



# Marianismo

## AO POVO DE ÉVORA

**A** PÓS o II Concílio do Vaticano, falsos intérpretes daquela Assembleia procuram, por todos os meios, amortecer a fé em devoções puras e arraigadas na alma simples do povo.

O culto mariano é um exemplo disso. O mês de Maio, dedicado à doce Virgem Maria, antes, tão cheio de esplendor e poesia, repassado de místico idílio, deixou de ser celebrado com aquele cunho mariológico que lhe era peculiar. Em muitos templos, o altar da Excelsa Mãe foi destruído pela sanha dos iconoclastas traidores do Concílio. As imagens da Augusta Mãe do Verbo, nas melhores hipóteses, foram rebaixadas a uma simples coluna, ou peanha. Noutras igrejas foram depositadas como objectos de despejo em corredores escuros, visitados apenas pelos aracnídeos.

Diante de tais acontecimentos, é consolador saber que em plena Europa, sala de visitas da civilização, o culto mariano nada perdeu em sua majestosa simplicidade, mormente nesses lugares abençoados com a visita pessoal e autêntica daquela a quem «todas as Nações chamarão Bem-aventurada». Fátima, Lurdes e La Salette, verdadeiros santuários do Marianismo, aí estão para provar a fé inquebrantável na intercessão da Virgem de Nazaré.

Merece todo o apoio a campanha do bom povo de Évora, no sentido de solicitar da S. S. o Papa a inclusão do Santo Rosário entre as orações litúrgicas e oficiais da Igreja,

desde que não há prece mais bíblica que a recitação do Rosário. Embora, ao lado do que afirmo, discorde em que seja também pedido ao Soberano Pontífice que faculte ao Clero a substituição do Breviário pelo Rosário. O Breviário já é uma tradição e sua recitação, pelo facto de não ser uma constante repetição ou insistência, desperta maior devoção. E... forçoso é dizer, o Clero actual está precisando muito de uma injeção de piedade. Entretanto, caso o Pontífice Máximo aceda aos dois pedidos dos católicos de Évora, aceito e acato suas decisões, como filho, embora indigno, da Santa Mãe a Igreja. Nenhum de nós, nem mesmo os Bispos e Cardeais, temos autoridade para recusar o que Pedro disse. Ainda aceito como válida a expressão: *Roma locuta, causa finita*.

Que se restabeleça o culto de Maria Virgem, que os Bispos portugueses propaguem pelo mundo todo a necessidade que se tem daquela que foi portadora do Cristo em gestação. *Ad Iesum per Mariam*.

Portugal, Pátria-Mãe bem amada, eu me congratulo contigo e com teu povo, esse povo que fez a civilização brasileira, trazendo-nos o leite sagrado do Cristianismo, através dos filhos aguerridos de Inácio de Loyola.

L. P. de Lisboa

Recife, 11 de Outubro de 1969  
Festa da Maternidade de Nossa Senhora.

## SAUDADES DA FÁTIMA

### UMA CARTA DO BRASIL

Salve, Maria.

A distância entre Fátima e o lugar em que moramos é enorme, separa-nos o oceano, moramos no Brasil. A nossa fé é a mesma, a nossa devoção a Nossa Senhora da Fátima transborda o nosso coração de gratidão, de alegria. Sou filha de portugueses, e isto para mim é uma honra. Papai e Mamãe, ambos falecidos, estiveram aí neste local abençoado que Nossa Senhora cumula de tantas graças e bênçãos.

Moramos em Santa Catarina, cidade Itajaí, e possuímos uma chacinha no Ribeirão do Meio, lugar retirado de tanta gente boa e humilde. Uma vez por mês havia missa na escolinha do lugar e que era pequena para tantos devotos. Meu esposo Mário

Uriarte lançou a ideia de uma capela a Nossa Senhora da Fátima e disse que, caso fosse concretizado o seu desejo, daríamos a imagem de Nossa Senhora da Fátima e ajudaríamos na construção da mesma. Vários lavradores quiseram doar o local e o padre escolheu o que ele achou melhor. O nosso e o sonho daquele pessoal do Ribeirão do Meio vai ser realizado.

Nossa Senhora da Fátima nos ajudará, tenho a certeza. Vamos começar a construção e o Senhor Padre, naturalmente, já notou que vivo sonhando com a imagem da Fátima, uma imagem igual àquela que nos visitou há anos atrás. Lembro-me que, quando a imagem passava, era Nossa Senhora nos consolando, nos abençoando. Caso fosse possível, eu desejava que

# Vida do Santuário

NOVEMBRO

REUNIÃO DE SACERDOTES

Estiveram reunidos no Santuário, no dia 24, sob a presidência do Senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, 90 sacerdotes e seminaristas teólogos da diocese, para estudarem a acção pastoral de harmonia com as novas normas litúrgicas.

A reunião foi orientada pelo Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, e nela tomaram parte quase todos os Párcos, professores dos seminários e religiosos e algumas religiosas.

Realizou-se às 18 horas, na Basílica, uma concelebração segundo a nova reforma litúrgica em que tomaram parte 22 sacerdotes.

NOVAS ESTÁTUAS NA COLUNATA DA BASÍLICA

O Carmelo de São José da Fátima realizou uma campanha entre os Carmelos existentes em todo o Mundo para angariar fundos para a colocação na Colunata da Basílica das estátuas dos reformadores da Ordem Carmelita, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz.

A campanha teve êxito total e as estátuas foram confiadas à escultora Maria Amélia Carvalheira da Silva e espera-se que possam ser inauguradas em Maio.

DEZEMBRO

NOVO PROVINCIAL DOS MONFORTINOS

Acaba de ser nomeado provincial da Congregação dos Missionários Monfortinos em Portugal o Rev.º P.º João Baptista Leistra, cuja residência passa a ser na Junqueira, Vila do Conde. A Província Portuguesa abrange os sacerdotes portugueses e holandeses pertencentes a esta Congregação que têm Seminário na Fátima e casas de formação na Junqueira e várias missões nas províncias ultramarinas.

Até agora exercia as funções de vice-provincial o Rev.º P.º Leonardo Brink-

nos escrevesse dando os informes necessários quanto ao transporte, preço, etc.

Sr. António Cruz, português e nosso vizinho, falou que eu escrevesse, pois tem a certeza que receberei resposta. Sei que devem receber centenas de cartas e por favor não deixe a minha sem resposta.

Vou encerrar, pedindo a Nossa Senhora da Fátima que nos auxilie e nos cubra com seu manto maternal.

Agradeço de coração, por me ter escutado.

Lacy Serafim Uriarte

Rua Tijucas, 74  
Itajaí — Santa Catarina  
Brasil

NOTA — Já deve ter recebido uma resposta do Santuário da Fátima. Oxalá consiga realizar os seus santos propósitos, para glória de Deus, honra da Santíssima Virgem e bem espiritual das almas.

man, professor do Seminário Monfortino da Fátima.

SUFRÁGIOS POR ALMA DE DOM JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA

No dia 4, aniversário do falecimento do Senhor Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, cujos restos mortais se encontram na capela-mor da Basílica, foi aqui celebrada missa de sufrágio por sua alma. Foi celebrante o Reitor, Mons. António Antunes Borges, e assistiram todos os que prestam serviços por conta do Santuário e diversas outras pessoas.

PEREGRINAÇÃO MENSAL

Realizaram-se no Santuário, no dia 13, as habituais cerimónias em honra de Nossa Senhora com a presença de muitos fiéis.

Tanto na Basílica como na Capela das Aparições celebraram-se diversas missas. Em todas elas foi distribuída a sagrada comunhão.

As 10 horas, junto da capela das Aparições congregaram-se todos os peregrinos para a recitação do terço e para a procissão com a imagem que ali se venera, a qual foi conduzida aos ombros dos servitas para o altar-mor da Basílica.

Celebrou a missa oficial o Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, que na altura própria se dirigiu aos fiéis para lhes lembrar o tempo litúrgico do Advento — tempo de esperança e de alegria para a vinda do Senhor. Recordou ainda a todos os peregrinos o cumprimento dos seus deveres cristãos.

A missa foi acompanhada a cânticos pelos peregrinos e a parte litúrgica dirigida pelo Sr. P.º Manuel dos Santos Craveiro. No fim da missa, o Senhor Dom Domingos deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a alguns enfermos e a todo o povo.

As cerimónias terminaram com a procissão do regresso da imagem de Nossa Senhora à Capelinha das Aparições.

Junto do altar da Capelinha foram depositadas muitas centenas de cartas com diversos pedidos a Nossa Senhora da Fátima enviados por membros do Exército Azul da América do Norte e da Bélgica.

No fim das cerimónias, o Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão aludiu à homenagem que os membros da Pia União dos Servitas da Fátima iam prestar à antiga chefe do grupo de senhoras, D. Maria Celeste da Câmara Vasconcelos (Alvaizere), servita desde 1926, que prestou durante todos estes anos serviços distintos e abnegados aos peregrinos doentes. Pediu as orações dos fiéis pela benemérita senhora e por todos os membros da Pia União dos Servitas que, sem qualquer remuneração ou recompensa, prestam os seus serviços aos peregrinos.

A homenagem efectuou-se na Capela do Hospital com a celebração da missa pelo Senhor Bispo Auxiliar, acolitado pelo Reitor do Santuário e pelo Director da Pia União, P.º Manuel dos Santos Craveiro. Ao acto, que foi solenizado, assistiram para cima de 150 membros da Pia União. Na altura própria o Senhor Dom Domingos teve palavras de louvor para com a homenagem que estava rodeada por diversos membros da sua família.

as famílias dos povos, quer se honrem do nome cristão, quer desconheçam o Salvador, se reúnam em paz e concórdia no único Povo de Deus, para a glória da Santíssima e indivisa Trindade» (23).

Convidando-vos, veneráveis Irmãos e dilectos Filhos, a recitar com fervor o santo Rosário por esta intenção, durante o mês de Outubro, concedemo-vos, de todo o coração, a Nossa Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, aos 7 de Outubro de 1969 — sétimo ano do Nosso Pontificado.

PAULO PP. VI

NOTAS

- 1) Bull. Ord. Præd., tom. V, p. 223, 17 de Setembro de 1569.
- 2) Cf. Rom. 8, 32.
- 3) Lc. 1, 30.
- 4) Is. 9, 5.
- 5) Cf. Lc. 2, 14.
- 6) Mt. 5, 9.
- 7) Jo. 2, 15.
- 8) Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 62.
- 9) Encíclica *Populorum Progressio*, 75.
- 10) Oração da Missa pela Paz.
- 11) Cf. *Lumen Gentium*, 34.
- 12) Cf. Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 5.
- 13) Gál. 5, 22.

- 14) Act. 1, 14.
- 15) Is. 52, 7.
- 16) Jo. 11, 52.
- 17) Rom. 12, 18 e 14, 13, 17, 19.
- 18) Ef. 2, 14-15.
- 19) Ibidem 4, 1-3.
- 20) Epist. Apost. *Il Religioso Convegno*, 29 de Setembro de 1961 (A. A. S., 53, 1961, p. 646)
- 21) SALIEGE, Cardeal J.-G. *Voilà ta Mère*, pages mariales recueillies et présentées par Mgr. Garrone, Toulouse, Apostolat de la prière, 1958, p. 40.
- 22) PAULO VI, Alocução de 13 de Julho de 1963 aos participantes no terceiro Congresso Internacional Dominicano do Rosário (Insegnamenti di Paolo VI, I, 1963, p. 464).
- 23) *Lumen Gentium*, 69.



# A MÃE DE DEUS entre os irmãos separados

**U**MA das notas mais comovedoras e mais belas do ecumenismo é a nova valorização da figura de Maria. Há mais dum século que no seio da maior comunidade protestante e anglicana se procura entender, à luz da Escritura, o lugar da Virgem. Nos últimos cem anos e mais, desde o Movimento de Oxford e ainda antes, foram numerosas as descobertas, feitas com amor e júbilo.

Se o pastor Jungnickel sustentava que a alma dos crentes morria de frio quando faltava o calor duma mãe como Maria, o poeta Hawthorne invejava aos católicos aquela «doce e querida» Mãe, a Virgem Santa, colocada entre Deus e os homens, não a ofuscar a glória (como lhe parecia muitas vezes) mas estimulando-os ao amor.

Se um pedagogo católico ilustre, como Foester, colocava a superioridade da educação católica «na intervenção do espírito de Maria», e chegava à conclusão de que «os educadores muitas vezes não vão demasiadamente a Maria», numerosos precursores do ecumenismo hodierno, desde o anglicano Newman ao calvinista Saussure, têm exaltado a beleza de Nossa Senhora, enquanto que, no seio dos anglicanos, luteranos e calvinistas, florescem comunidades inspiradas e sob a égide de Maria.

É digno de nota averiguar-se como tal retorno a Maria, ao mesmo tempo que mostra uma grande aproximação dos católicos e ortodoxos de tantos dos nossos irmãos reformados, mostra também um retorno às origens da Reforma. Os reformadores do século XVI tinham uma piedade marial notável que, pouco a pouco, nos séculos seguintes, se foi extinguindo.

A revista dos Jesuítas de Nova Iorque, America, acaba de publicar um ensaio de Toivo Harjunnmaa, pastor e professor de Teologia, com o título «Visão Luterana da Mariologia». Põe ele em relevo, como um dos primeiros efeitos das novas fraternais relações entre católicos e protestantes, o estudo de temas até agora desconhecidos ou descurados; e entre eles o da busca «nova ou muito esquecida» do lugar que Maria deve ocupar na Igreja contemporânea. «Uma renovação genuína da Igreja significa não só renovação na Teologia mas também na prática devocional».

O dito antigo *Lex orandi lex credendi* — diz o teólogo luterano — «é particularmente verdadeiro quanto à Mariologia através da História... Segundo a minha opinião, os teólogos católicos e ortodoxos estão a prestar um verdadeiro serviço à Teologia protestante de hoje, obrigando a estudar de novo este aspecto, há muito tempo descurado, da revelação divina. Se outra coisa se não puder conseguir, os católicos ajudarão, ao menos, a recuperar aquele tipo de Mariologia que é possível à base do nosso princípio primário de «só a Escritura».

O propósito de rever a Mariologia em face da revelação é um verdadeiro progresso mesmo ecuménico: como sugere o mesmo escritor, é um retorno mais sério ao dogma da Incarnação que, quanto mais se aprofunda, mais ilumina «a posição de Maria na economia divina da salvação: e isto com base claríssima na Escritura».

Sintomático o facto de que uma tal busca da Mãe entre os irmãos separados tenha sido determinada, sem mais precedentes, pelo movimento para a união dos cristãos. Em Edimburgo, já em 1937 o problema mariano era examinado na Conferência de Fé e Constituição. Foi depois do último após guerra que mais se intensificou esse estudo.

Uma literatura sempre mais rica sob o tema de Maria foi preparada por anglicanos, luteranos e reformados, sempre a seguir ao seu encontro, enquanto — como é lógico — novos pontos surgiam dos colóquios com ortodoxos e católicos.

Através destas indagações muitos descobriam Nossa Senhora pela primeira vez, outros deparavam com aspectos não desconhecidos; não poucos protestantes descobriam o próprio protestantismo de origem, pois que o dogma da Mãe de Deus, definido no Concílio de Éfeso, era aceite pela confissão luterana até 1577; a virgindade perpétua de Maria foi vigorosamente defendida pelo próprio Lutero, autor de discursos e hinos em Sua honra. Os cristãos reformados ficaram a saber, surpreendidos, que «até um reformador puritano e iconoclasta como Zuinglio, em Zurique, continuava a recitar a Ave Maria no culto público».

O II Concílio do Vaticano reafirmou a doutrina cristã, segundo a qual o culto prestado à Virgem Maria nada tira à majestade de

Deus. Lutero manifestava igual convicção nos seus comentários entusiastas do Magnificat, enquanto firmava inteiramente a sua teologia na realidade da Incarnação, donde lhe vinha «a estima sem reserva por Maria e a predilecção pelo Seu título de Mãe de Deus».

Não esconde o professor Harjunnmaa a dificuldade, que existe ainda entre os não católicos, da aceitação de alguns aspectos da mariologia católica. Muitos protestantes ainda não aceitam o título de Mãe de Deus, proclamado como dogma em 431, como conclusão da polémica acesa

com os heréticos nestorianos. Ta dificuldade, porém, torna «altamente desejáveis os estudos patrísticos em comum, entre católicos e protestantes».

Para o mesmo fim da defesa da fé comum, convém, pois, desenvolver a colaboração e a amizade entre protestantes e católicos na busca teológica e histórica dos atributos da Virgem. «Os protestantes não devem recear reconhecer, nitida e lealmente, o lugar único que Maria ocupa no meio de todos os povos do mundo. Não podemos pensar na Incarnação sem Ela. É Sua a maior honra jamais conferida a ser humano. É Sua a relação mais íntima com o Salvador».

J. G.

## «Liberdade Humana» e «Liberdade dos Homens»

Tenho ouvido e visto escrito que a liberdade humana consiste no poder que todos temos de escolher entre o bem e o mal, de praticar o bem ou o mal, e que é precisamente desse poder de escolha ou de opção que nos vem o mérito ou o demérito, o direito à recompensa ou a condenação ao castigo.

A própria Sagrada Escritura diz: *Feliz do homem que foi encontrado sem mancha (...)* poderia ter transgredido e não transgrediu; poderia ter feito o mal e não o fez. (Livro do Eclesiástico, XXXI, 8, Vulg.).

Quando os moralistas religiosos tentam explicar o mal e o pecado, como frutos do exercício da tal liberdade de fazer o bem ou o mal, dizem que pecar é um abuso da liberdade. E isto é nem mais nem menos do que pôr limite ao uso da liberdade. Ora, eu pergunto: — A liberdade que Deus deu ao homem e que é um reflexo e participação da própria liberdade divina, aquela de que S. Paulo nos diz: «Onde estiver o espírito do Senhor aí estará a liberdade» (II Cor. III, 17); «A liberdade gloriosa dos filhos de Deus» (Rom. VIII, 21); «A liberdade com que Cristo nos libertou» (Gál. IV, 31); aquela liberdade a respeito da qual se atribui a Santo Agostinho o dito: «Ama, e faz o que quizeres», essa liberdade poderá ter limites? Claro que não. A liberdade humana verdadeira é como a liberdade de Deus: não tem limites nem prejudica os direitos de ninguém porque só se exerce no bem. — E pergunto ainda: — Fazer o mal, pecar será o abuso duma liberdade verdadeira ou o uso duma liberdade falsa? É que não é exactamente a mesma coisa!

Nunca é possível abusar «perdoando a quem nos ofendeu, fazendo bem a quem nos fez mal, abençoando quem nos amaldiçoou, oferecendo a face esquerda a quem nos bateu na direita, largando o manto a quem nos quer tirar a túnica» (Cf. Math. V, 39-41). É aqui que o homem se torna livre: das paixões do mundo, das paixões dos outros e das suas próprias. Liberdade verdadeira é «vencer o

mal com bem». (Rom. XII, 21). Reivindicar e vingar-se é usar de liberdade falsa porque, na realidade é enrodilhar-se, escravizar-se, depender.

S. Tomás ensina-nos (Sum. Theol. I, P., qu. LXII, art. 8, ad 3 m) que a «liberdade humana se situa na escolha dos meios, salvaguardada a ordem ao fim». Quando se trata da sociedade humana temporal, este fim é o bem-comum. Quando se trata do homem como criatura de Deus, este fim é Deus. Não há, portanto, liberdade, na escolha ou rejeição do bem-comum. Não há liberdade na escolha ou rejeição de Deus, fim último do homem. Não há liberdade na escolha de meios que não conduzam ao bem-comum da sociedade. Não há liberdade na escolha de meios que não conduzam a Deus. A liberdade só pode estar na escolha dos meios, possíveis e mais aptos, à consecução do fim. E o crime, o pecado, o mal não estão certamente entre esses meios.

Consolo-me com poder deduzir daqui que a verdadeira liberdade, nem tem limites, porque se situa na ordenação para Deus-fim último, nem as leis divinas, e humanas justas e razoáveis, são inimigos da liberdade e antes auxílios que ajudam na consecução do fim, no quanto evitam os desvios e geram o mérito.

A verdadeira liberdade humana só pode ser a que está de acordo com o bem-comum, fim temporal da sociedade, e com Deus-fim último do homem. É esta a única liberdade do homem, como homem, já que a orientação e tendência para Deus estão escritas, como lei natural, na consciência do homem. A faculdade física de fazer o mal e o pecado, não lhe chamo liberdade humana: chamo-lhe liberdades dos homens. Assim como os actos dos homens (passionais, inconscientes, irresponsáveis), são coisa muito diversa dos actos humanos, assim as liberdades dos homens — as que eles se arrogam — são coisa muito diferente da liberdade humana.

P.º João José Martins, O. P.

## Fátima no Mundo

### IGREJA DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA EM LUDLOW

A igreja de Nossa Senhora da Fátima de Ludlow, no Massachusetts, Estados Unidos, celebrou o vigésimo primeiro aniversário com diversas cerimónias religiosas e cívicas.

Houve um banquete de gala em que o principal orador foi o cônsul-geral de Portugal em Boston, Dr. Jorge de Borja Araújo Freitas, que também fez ao microfone a meditação das estações durante a Via-Sacra.

Efectuou-se na paróquia uma procissão

das velas, com a banda do Grémio Lusitano e com o coro de Nossa Senhora da Fátima.

Em 15 de Janeiro de 1948, o Rev. Dr. Manuel Rocha chegou a Ludlow para começar a dirigir a paróquia da comunidade portuguesa. Em 18 de Janeiro o Padre Rocha celebrou a sua primeira missa nesta cidade no Grémio Lusitano Hall. A partir daí, o Padre Rocha começou a pensar na construção duma igreja, que foi a de Nossa Senhora da Fátima.

Durante vinte e um anos, aquele sacerdote tem guiado os destinos da Paróquia da Fátima e colaborado na constituição de outras paróquias portuguesas na costa oriental dos Estados Unidos.